

Vida Fluminense

Folha Illustrada

ESCRITORIO

RUA DO OUVIDOR

32 - Cohada - 52

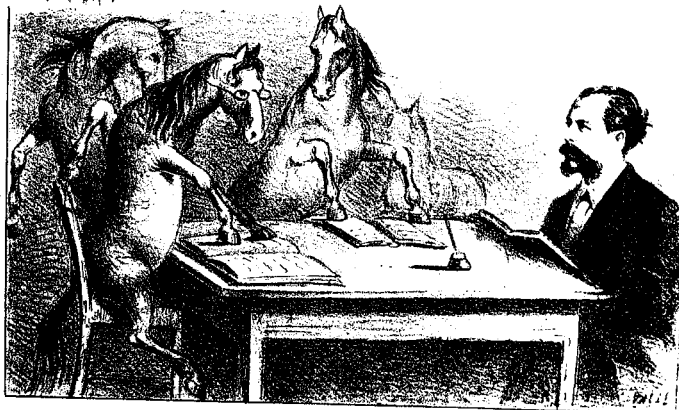
1869

CORTE

Trimestre	58000
Semestre	105000
Anno	205000

PROVINCIAS

Semestre	118000
Anno	218000
Avulso	18000



Escola. Charini.
Licões, todas as noites, ás 8 horas.

A VIDA FLUMINENSE

Rio, 26 de Agosto de 1871.

Na Camara Temporaria lá vou passando aos tram-bulhões o projecto do Governo sobre o elemento servil.

Como as aguas da um rio, que se estendo sobre leito recamado de saltos e cascatas, o pobre projecto não pôde dar um passo para diante sem ter de superar uma difficuldade.

Numerosa, cerrada o eloquente phalango lho em-barga o caminho com um encarniçamento talvez nunca visto até hoje.

Numerosa, cerrada e silenciosa maioria lho protego a marcha com sua dedicação digna do maior reparo.

Para aquella tudo é pessimo no projecto; para esta tudo excellente, no que estão ambas bem longe da verdade!

Para cada artigo forio-se uma verdadeira batalha, que durante muito tempo ficou duvidosa, até que se decidio sempre em favor das forças do governo, graças á oportuna intervenção do General Rodda, que é o Frederico Carlos, o recurso extremo das pelijas par-lamentares.

Está passado o desfiladeiro mais difficil. O terreno da terceira discussão deve ser menos disputado; e no Senado, segundo se diz pela bocca pequena, caminhará a questão *sur des roulettes*.

Vôr para crêr.

Seja, porém, como fôr, já não deve restar a menor duvida de que o projecto breve se converterá em lei.

* *

Para mim, o pratinho melhor de toda a discussão foi o discurso do Reverendo Cincinato (enganei-me, quizerão perdoar)... do Reverendo Sr. Conego Castilho (tornei a enganar-me; é delebre?... do Reverendo Sr. Conego Pinto de Campos. (agora sim!).

Esperavão todos um sermão de lagrimas... e não passou a cousa de uma — scena comica engraçada, tão engraçada!

O Vesques da Fluxix ficou abaixo do zero, muito abaixo!

Era um gosto vêr o anafado sacerdote todo dengoso e « *Tudo por dentro e fora illuminado* »

sorrir para a direita, motrar para a esquerda, reme-chor-se, esmurar, *fizer um bico* para os que o tiro-teavam com apertis, piscar o olho para os que o ap-laudião, e desenganar dos bolsos um, dous, tres, oito, trinta, cincoenta e seis documentos, cuja leitura fazia com uma propriedade nas inflexões e nos gestos que... não lhes digo mais nada.

E na Camara, de instante a instante, corria uma gargalhada geral, como nos bons tempos em que o Mar-tinho representava o *Novio do Penna*!

E Sua Reverendissima esteve até agora calado!

Porque?

Porque, não me dirão?

* *

Devem estar lembrados todos os que me honrarão com a leitura dos artigos que sobre o contracto dos coolies escrevi no *Jornal do Commercio* e no *Diario do Rio*, que ha quinze dias desdizei o Sr. Marianno Pro-copio a vir declarar na imprensa que motivos tinha, além do mais, que suscitava informação do *culpeado con-fesso e não demittido*, para duvidar da minha boa fé, para averbar-me do *traidor* pela pretendida asseve-ração do dia 21 do mez passado.

O silencio do Sr. Marianno autorisa-me, com bem mais razão, a duvidar por minha vez da boa fé de S. S., porquanto nenhum homem que se respeita aban-ça-se a affirmar uma cousa que não pôde provar.

S. S., *melhor dô que ninguém*, sabe quem é o ver-dadeiro o unico responsavel pelo que se deu.

Como se animou, então, a injuriar-me em seu dis-curso, illudindo o Governo, a Camara e o poiz inteiro? Dar-se ha caso que o Sr. Marianno felle *sem pensar*, como assigna *sem ler*?

Dar-se ha caso que conheça tão pouco sua lingua, que empregue vocabulos em accepções muy diversas do que a que elles realmente tem?

Verdade seja que em pleno Jornal do Commercio agradeceu S. S. as benevolas phrases do Sr. Ministro da Agricultura e da *Reforma*. Entretanto que disserão o Sr. Conselheiro Theodoro e o orgão do Centro Libe-ral?

O primeiro declarou solemnemente á Camara que o Sr. Marianno havia sido pouco zeloso no cumprimento dos seus deveres; o segundo qualleou de *indigno* o cynico o procedimento de S. S.

Basta isto para dar uma idéa exacta da *illustração* de S. S.

Mas, com a bréca, que culpa tenho eu que elle seja tão ignorante do idioma que ouve fallar todos os dias?

Que culpa tenho eu que não aprendesse a ler e a escrever, como aprendeu a *contar*?

E se não era sua intenção offender-me, porque não voio depois retractar-se francamente na imprensa, ba-tendo tres vezes no peito?

Isso é que seria proceder bona fide.

Não o fazendo, nem podendo provar o que avançou a meu respeito, collocou-se o Sr. Marianno na tris-tissima contingencia de passar por calumniador ou por... papagaio inconsciente do que diz.

A. DE C.

Assumppto de varias côres

O sarão do « Club Gymnastico Portuguez. » — O Circo-Charini — O Chalet e Mello Arnal. — O assaio das « Faze-las Sicilianas. » — A menina Luiza Leonardo. — Alinda Ferranti. —

* *

O club gymnastico portuguez, sempre prompto a au-xiliar effizientemente os nossos estabelecimentos de cari-dade, doo a 20 do corrente um sarão em benefício do Asylo de Mendicidade, onde se distinguirão alguns ama-dores e artistas que se haviam prestado a executar a parte musical do programma, e os socios do mesmo

Club sobre quem recahia a responsabilidade dos trabalhos gymnásticos, e de esgrima.

Em relação a estes causos geral sorpreza o modo arrojado porque foram executadas varias cortes distinguindo-se entre ellas o "Salto do Niagara" e as "Tres premeças seguidas".

Tratando das peças de concerto, seria imperdoavel não archivar aqui o exito obtido pelos concertistas Reichert, Couloume, Celestino Junior e Callado, e pela Ex.^{ma} Sra.^e D. Adalina Costa, a quem o numerozo auditorio applaudiu tão justa quão entusiasticamente.

A directoria conseguiu ainda penhorar, como sempre costuma fazê-lo, os seus convidados pelo cavalheirismo e affabilidade que lhes dispensou durante toda a noite.

De volta da sua peregrinação pelo Sul, onde, ao que parece, lhe foi abundante a colheita de lauros e... patacas, achou-se outra vez n'esta corte o incansavel Sr. Chiarini, professor de alta equitação e chefe de uma companhia de artistas gymnásticos, cujos trabalhos, originados na quasi totalidade, tem posto a arder o juizo do muita gente. Esta circumstancia, reunida ao gosto que a nossa população sente por esta especie de divertimentos, tem levado n'estas ultimas noites á rua do Espírito-Santo uma afflução de espectadores avidos de passar perante os prodigios de intelligencia operados pelos cavallos de mestre Chiarini, e sequeiros de applaudir e graça e ligeireza da joven Catharina Holloway, os primorosos trabalhos de Theodoro, Belem Cuba, e dos irmãos Carlo, e os intervallos burlescos do celebre palhaço Rowland.

Folga com isso mestre Chiarini que vê assim recompensados os e-n-ús esforços para contentar as exigencias do nosso publico, e passa noites bem divertidas os que frequentão o circo real italiano de preferencia a outros divertimentos, onde nem sempre encontram tão crecido numero de seducções adaptadas ao seu paladar.

No Alcazar faz extraordinaria carreira a opera *Le chatelet* primorosamente executada por M.^{lle} Arnal.

A gentil cantora, tão festejada já na "Filha do Regimento" e nos "Dragões de Villars," encontra no trabalho de Adam optimo ensejo para a manifestação dos seus recursos artisticos, e nos diversos trechos do *Chatelet*, alem de mostrar cada vez mais o estudo serio a que sujeitou a sua garganta, justifica plenamente os elogios que a imprensa europea lhe dispensou sempre.

Para preencher o espectaculo addicima mestre Arnaud á opera de que estou falando alguns intermedios, — destinados a pôr em relevo os qualidades... da M.^{lle} Suzanne, a nova rainha da *conqueta brejeira*, como lhe chamam lá pelo Alcazar — e, como so isso não bastasse, vem ainda a "Canção de Fortunio," del'clar os admiradores do M.^{lle} Irma-Marie, e mostrar ao Sr. Arnaud que a variedade é o melhor atractivo do que um director póde lançar mão... para enriquecer de pressa.

Esta annunciada para bontem a primeira repre-

sentação das *Vesperas Sicilianas*, no theatro D. Pedro II.

A impressão causada pelo ensaio geral foi optima. A musica, especialmente o final dos 2.^o e 3.^o actos e o duetto do 4.^o entre Pasi e Lelmi, despertou verdadeiro entusiasmo nos amadores que assistio á prova. Se por um lado é isso devido ás grandes belezas da opera, não é menos para louvar, por outro, o modo brilhante porque Agostini faz executar os diversos trechos della, imprimindo-lhes o colorido proprio, e lançando mão de *effeitos* originalissimos para dar o preciso relevo ao trabalho de Verdi. Na execução da parte cantante distingue-se a Sra. Pasi, e os Srs. Lelmi, Ordinas e Marziali.

Foi offerecido a esta redacção um exemplar da *Prière* dedicada á memoria de Thalberg, e composta pela menina Luiza Leonardo, de 12 annos de idade.

E' um trabalho surpreendente em relação á tenridade da compositora, e que revela um talento vigoroso a par de uma vocação da qual tudo ha a esperar no futuro.

Offereceram-nos tambem o *Relatorio apresentado á Assembléa Geral da sociedade Uniao e Beneficencia.*

Aos amigos e admiradores do Ferranti noticia que vão a caminho os ensaios do *D. Pusqualle*, opera que deve subir á scena, no theatro da Guarda-Velha, até ao fim do mez, em beneficio do *syndacato basso-comico*, cuja celebridade, na seu genero foi outr'ora reconhecida pela imprensa europea, como hoje o é pela das duas Americas.

E após isto nada mais ha a noticiar.

A. DE A.

As vespersas sicilianas.

OPERA EM 5 ACTOS.

Poema de — Eugenio Scitbe. — Musica de José Verdi.

Representada pela primeira vez no Rio de Janeiro, em Agosto de 1871, no theatro — D. Pedro II. — sob a direcção do distincto maestro

ANGELO AGOSTINI.

Distribuição.

<i>Guy de Monfort</i> — Governador da Sicilia, sob o reinado de Carlos d'Anjou . . .	Sr. Marziali.
<i>O senhor de Bethune</i> — Official francez . . .	" Scarpabelli.
<i>O conde de Vaudemont</i> — Official francez . . .	" Pons.
<i>Arrigo</i> — Joven siciliano . . .	" Lelmi.
<i>João de Prúda</i> . . .	" Ordinas.
<i>A duquesa Helena</i> — irmã do Duque Frederico de Austria . . .	Sra. Pasi.
<i>Nineta</i> — Camareira de Helena . . .	Sra. Gori.

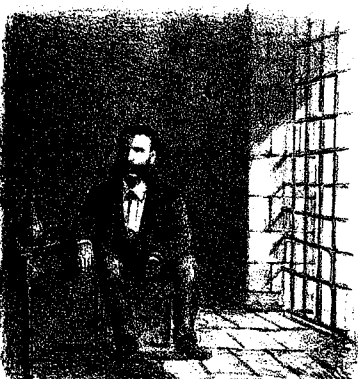


No esquero da cama o Sr. Pantaleão Fa-
vendo promette não deixar passar o dia
sem fazer das suas

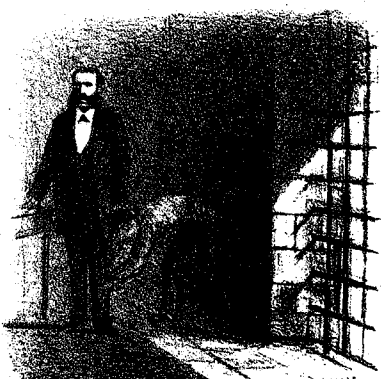


Por isso, amado dos pés a cabeça e se-
guida pela sua gente dirige-se a pro-
prio mais proximo.

Quil-
do de a-
sempre



Onde o encarcerado sem mais cerimonia,
mudando da hora em que se lembrou
de deixar a patria... de Eliseu de Cervantes.



Pantaleão lembra-se de que é preciso con-
fisar se o homem tem armas prohibidas...
... apalpa... torna a apalpar... e...

rad-
e pa-
alpa

Quêda?
passaram na Corte.

AVIDA HUMANA I

689



Quêda, sob pretexto de que o indivíduo usa
roupas proibidas, dá voz de prisão a
um nobre e rico que almoça o a gosto.



A vítima guardada a vista durante o
dia, e levada, de noite, a luz de archotes
até ao cadaver do lugar.



Depois de encontrar-se em liberdade
prompto a exigir uma reparação pela
liberdade dele que foi vítima.



"Jornal de pagaf, as, quô ha que devedar."
Bom dia o rapaz. Uma com os fijos, aos
outros rebenta. Tira a boca.

Daniel — Siciliano Sr. Toffanari.
 Thibault — Soldado francez. » Marina.
 Roberto — Alem » N. N.

Soldados francezes, povo siciliano, pagãos, damas francezas e sicilianas, côros, banda, corpo de baile, penitentes e o carrasco.

A scena passa-se em Palermo, pelos fins de Novembro de 1850.

ACTO I.

(Na grande praça de Palermo. Ao fundo o palacio do governador. A direita o duque Helena. A esquerda a entrada de um quartel).

Thibault e Roberto, sentados a uma meza, bebem alegremente. Ao passo que alguns sicilianos de ambos os sexos passeiam ao fundo olhando de travez para os francezes. Não poupa estes motejos contra e Sicilia, despertando assim cada vez mais o odio dos sicilianos, e incitando-lhes desejos de prompta vingança.

Sobre-vém Helena, encostada ao braço de Ninetta e seguida por Daniel. Coberta de luto e segurando um livro de orações, a duqueza salda os sicilianos que lhe retribuem respectosamente.

Vaudemont e Bethume, sahindo do quartel, vêem Helena.

Pergunta o primeiro ao segundo quem é aquella mulher tão formosa. Ao saber que se tracta da irmã do duque Frederico não pôde Vaudemont conter alguns ditos através dos quaes o odio transparece; mas bem depressa Bethume lhe pede que se cale, e os ditos cessam sem que um só chegue aos ouvidos da duqueza.

A sós com Daniel, falla esta dos dissabores, que a opprimem. Os francezes, então, largam a meza e procuram por entre os sicilianos quem os divirta cantando uma canção. Vendo Helena, obrigam-na a cantar. Obedece a duqueza e entoa um canto allusivo ás desgraças da Sicilia e ao modo porque o povo podia remedial-as. Os sicilianos, levados pelo enthusiasmo patriotico que n'elles despertam as palavras da duqueza, estão a ponto de cabirem sobre os francezes, quando, à porta do seu palacio, apparece de Guy de Montfort. A tal aspecto, o povo recua atemorizado e obedece machucadamente a um gesto do governador que lhe ordena de retirar-se dali.

Sobre-vém Arrigo, que, sem dar por Montfort, se dirige a Helena, surprehendida de ver solto o homem que ella julgava ainda encarcerado. Arrigo conta-lhe que á clemencia dos juizes deve a sua liberdade. Sem dizer o seu nome, Guy contesta a veracidade de taes palavras, e diz-lhe que só o governador deve o moço siciliano a sentença que o absolveu.

Arrigo não o acredita, e sente não conhecer o governador para vingar-se dos crueldades de que a Sicilia é victima.

Guy descobre-se então, e ordena á duqueza e a Ninetta que o deixem a sós com Arrigo.

O governador interroga-o primeiro, e jura, depois, perdoar-lhe se elle se alistar no exercito francez e não entrar mais no palacio da duqueza.

Arrigo recusa formalmente ambas as condições.

Atistar-se no exercito francez seria crime, de que elle é incapaz; deixar de ver a mulher que ama, sacrificio superior ás suas forças. Debalde Guy de Montfort insiste, ameaçando-o. Arrigo, para lhe mostrar o caso que faz de suas ameaças, entra no palacio de Helena lançando um olhar raivoso sobre o governador, que, pela sua parte, o contempla commovido e sem forçar d'esta vez para embargar-lhe o passo.

ACTO II.

(Valle nas immediações de Palermo. Arvores á direita, uma capella á esquerda; ao fundo o mar).

Dentro de um bôte chegam dous homens, que desembarcam. Um delles é João de Procida, que, de ha muito desterrado, volta á patria para se pôr á testa do movimento revolucionario que deve libertar a do jugo estrangeiro.

Associam-se-lhe alguns sicilianos, que só esperavam o seu regresso para dar o golpe decisivo; e quando todos vão a sahir para, mais reflectidamente, planejar a desejada vingança, Helena e Arrigo, que sahem da capella, dão com Procida, e, depois de patentear-lhe a satisfação que tem de vê-lo restituído á patria, interrogam-no acerca dos passos que d-u para a sua libertação. Debalde percorrerá Procida toda a Europa solicitando a intervenção estrangeira; mas, se por esse lado nada havia obtido, volta ella á Sicilia fado mais que nunca no patriotismo de seus filhos e prompto a morrer á frente d'elles ou esmagar para sempre o jugo que os opprimia.

Arrigo e Helena promettem-lhe cooperar para a realisação de taes projectos, e Procida, commovido pelo enthusiasmo de que ambos se acham possuidos, deixa-os para ir reunir-se aos conjurados.

A sós com Helena, Arrigo patenteia-lhe o amor que ella soube inspirar-lhe. Amava-o tambem a duqueza, e por isso de bom grado lhe acolta a declaração, prometendo ser sua esposa se elle vingar as cinzas de seu irmão, o duque Frederico, decapitado pelos usurpadores da Sicilia. O namorado moço jura cumprir a condição imposta.

Chega Bethume, portador de uma carta de Guy para Arrigo.

E' um convite para o baile que o governador dá em seu palacio.

Arrigo recusa. Bethume vê na recusa um insulto, e dá ordem a seus soldados para que prendão o allivo siciliano e o conduzam á presença do Governador.

Helena conta o occorrido a Procida, que, entre aquelle momento, e pede-lhe que, ajudado pelos coadjutores, liberte o homem escolhido pelo seu coração.

Procida, vendo que por alli se dirige muita gente, diz-lhe que mais tarde procurará satisfazer seus desejos.

Chegam, então, Ninetta, Daniel, Manfreda e muitos sicilianos que circundam alegremente alguns pares ditosos, que, em demanda da capella, vem alli celebrar a sua união. Fazem parte do grupo Robert e Thibault á frente de muitos soldados francezes.

Estes gracejam com as noivas, e de repente, a um signal de Robert, cada um se apodera da que lhe está

mais proxima, e procura levá-la a consigo á força. Os sicilianos arrojam-se sobre os francezes intimidando-lhes e restitução das pobres moças; mas os soldados, desembaalhando as espadas, obrigam-nos a retroceder. Proci-da conserva-se no lado da duquesa para defendê-la de qualquer insulto, no passo que os francezes sahem alegremente pelo fundo arrastando quasi as mulheres de que se haviam apoderado. Proci-da e Helena aproveitam o ensejo para mostrar aos sicilianos a tyrannia de que são victimas e a cobardia com que a supportão. Estes, em face do insulto feito á sua honra poucos momentos antes, juram vingar-se dos seus oppressores.

Passam então, no fundo, alguns officiaes francezes e varias damas francezas e sicilianas, que, a bordo do elegante embarcação, se dirigem ao baile do governador.

Proci-da, sabendo por Helena, dessa festa, onde devem reunir-se todos os inimigos da Sicilia pede aos sicilianos que o sigam, dizendo-lhes que soou finalmente a hora de libertar a patria.

A DE A
(Continúa.)

As margaridas.

(Continuado do n. 188.)

Umá noite, ao cabo de seis mezes, Lazarina ao entrar em scena vio Jorge n'um camaroto do proscenio, acompanhado tão sómente por uma mulher elegante, a quem por vezes fallava baixinho. Ao principio Lazarina ficou fóra de si, mas, procurando serenar o espirito agitado, encareou Jorge fixamente.

Nessa noite representou ella com indiscripivel graça.

Porém, apenas findou o espectáculo, retirou-se para casa e chorou amargamente durante toda a noite.

No dia seguinte sobreviera febre, e a pobre rapariga sentia a cabeça em fogo e opprimido o coração.

« *Então, eu amava-o!* » dizia ella, sem saber explicar a si mesma o que sentia, embora o ciumoso fosse n'aquelle momento uma especie de relampago que lhe deixava ler o funulo do coração.

Pouco depois lembrou-se de escrever a Jorge: mas o orgulho da mulher que se vê preferida, oppoz-se a tal resolução. Sua mão, sem comprehender cousa alguma do que se passava na alma de Lazarina, fazia-lho repetidas perguntas.

« *Isto ha de passar minha mãe* » eis a unica resposta que a pobre velha obteve.

Esta, porém, ao sentir que as mãos de Lazarina escaidavam, insistia:

« *Occultas-me alguma cousa,* » dizia-lhe ella.

« *Porque o furia, minha mãe? Esteja soccegada, isto ha de passar.* »

Ao cabo de quatro dias, Lazarina, achando-se livre da febre, pegou n'uma caixinha onde guardava as cartas de Jorge, e lançou tudo ao fogo. Apenas a chamma consumio o ultimo pedaço do papel, ella res-

pirou desfegadamente, vestio-se, e foi passear ás Tullias.

Do volta a casa, lançou-se nos braços da mãe, e beijando-a carinhosamente:

« *Podes dormir tranquilla, minha boa mãe. Acho-me completamente curada.* »

Mas Lazarina tinha vinte e um annos, e vivia n'uma atmosphera onde os sentimentos, á imitação de plantas cultivadas em estufa, se desvolvem rapidamente.

Uma inquietação secreta, agitando-a por vezes, tornava-a propensa ás emoções, sem, contudo, lhe fazer perder uma só particula do seu natural orgulho e altivez. A mocidade, o espirito, e a belleza aconselhavam-lhe o amor; mas o amor tal qual n'a viram bastidores, revoltava-a.

Uma actriz procieta na arte e conhecedora do mundo, comprehendendo superficialmente os sentimentos de Lazarina, e vendo-a um dia sorrir a um dos seus preferitos, disse-lhe com certa familiaridade:

« *Sempre facieis, sempre disposta a sorrir, mas sem alma para amar deveras! Que caracter feliz!* »

Lazarina olhou para ella rindo-se, e em resposta repetiu-lhe o titulo da cançônetta « *L'amour qu'est-ce que c'est que ça?* » muito em voga, então, em Paris. « *C'ou tard o soberbeis* », queridinha. O coração é como as folhas que, embora verdes durante algum tempo, seccam depois, e... cahem por ultimo. Tomai sentido em não cair em mãos que não saibam apreciar-vos; é tudo quanto me compete dizer-vos.

Este e semelhantes discursos augmentavam por tal sorte a confusão de idéas da pobre moça, que ella nem já sabia que partido tomar.

Instantes havia em que a idéa do casamento se lhe antolhava risonha. Era moça e bonita, havia até alli resistido ás mil seducções que a scena offerece ás mulheres que a pizam, — porque não encontraria ella um homem disposto a conceder-lhe o seu nome e a sua mão?

Casada, ficaria a sua virtude ao abrigo dessas tentações que minam primeiro os sentimentos honestos, para levá-los, depois, á perduição.

Mas casar é cousa tão facil de dizer-se, como difficil de fazer-se, quando se faz parte da companhia de qualquer theatro, e, força é convir, que, embora Lazarina tivesse por si a consciencia da sua virtude, bom poucos acreditavam a ella.

(Continúa.)

EDUARDO PONS, artista de canto da companhia lyrica italiana, propõe-se a dar lições de canto, e flauta, e sua senhora Mme. E'lettra S. de Pons, propõe-se a ensinar piano.

As pessoas, que desejarem utilizar-se do seu presente, podem dirigir-se á rua da Guarda Velha n. 27.

Typ. de CARLOS F. MUELLER, rua da Ajuda n. 16.



*D. Basilio.
La calunnia è un controcanto
che fa di un delinquente un traditore!*